

DEPOIMENTO

Recordações de Florianópolis e de catarinenses desde 1930

Domar Campos¹

Estas notas foram motivadas por conversas informais que mantive com diversos professores da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 1994, na ocasião do Simpósio sobre o Pensamento Econômico de Ignácio Rangel. Conteí tantas histórias do tempo em que vivi em Florianópolis, nos primeiros anos da década de trinta, que acabei despertando a curiosidade de alguns professores, que me sugeriram escrevê-las para publicar em alguma revista da “ilha dos casos raros”. Não farei nenhuma inconfidência desagradável. Alguma inconfidência sim, mas não desagradável; “as amargas não”.

Tinha 14 anos quando cheguei a Florianópolis com meu pai, Pedro Leão de Campos, minha madrasta e duas irmãs. Meu pai era catarinense, bem como meus avós, avô da família Campos e avô da família Gama D’Eça (creio). Vínhamos do Rio de Janeiro, aí pela metade do ano de 1930. De Santa Catarina eu só sabia que tinha muitos alemães. Quando o navio passou por baixo da ponte Hercílio Luz tudo era novo para mim, principalmente o frio que fazia. Não recordo o mês, mas devia ser inverno.

Tinha muitos parentes em Florianópolis. Dois tios: o General Acastro de Campos, tio Ninho, e o Tabelião Leonardo de Campos Júnior, Tio Branco, que fazia política com o Governo de Adolfo Konder. Guardo boas lembranças dos tios, já um tanto folclóricos, pelo menos na boca do povo da ilha, muito irreverente por certo. De Tio Ninho dizia-se que beliscava as moças nas ruas, e Tio Branco tinha fama de rico e de “pão duro”. Contavam dele, que certa vez, um cidadão foi reconhecer uma firma em seu cartório, e ao perguntar o preço a resposta de Tio Branco foi: “dois mil réis”. O cidadão entendeu mal e regateou “o senhor não deixa por dez?” Tio Branco: “para você vai”. Exageros. Como também eram exageros o que

¹ Economista, jornalista e ex-Professor de Economia Política do Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB.

diziam das inúmeras famílias que mantinha espalhadas na ilha e no continente. Minha santa tia, sua mulher legítima cujo nome não me lembro, morreu num daqueles anos trinta. Tinha eu muitos primos, filhos e netos dos dois tios, com quem mantive sempre boas relações. Júlio, filho de tio Ninho e minha querida tia Júlia, reencontrei em Niterói trinta a quarenta anos depois. Minha tia Júlia morreu em Niterói com 94 anos. Tinha tendências esquerdistas, inclusive muita admiração pela Revolução Cubana e por Fidel Castro.

A lembrança geral que guardei de Florianópolis foi a da alegria e inteligência do seu povo, de jovens e velhos. Festas muito animadas, populares e nos clubes rivais, 12 de Agosto e Lyra Tênis. Clubes de regatas de muito boa categoria, reconhecida fora do estado. No futebol despontavam o Figueirense, Avaí e Externato. Este formado com alunos do Ginásio Catarinense, preferido pela garotada filha da burguesia da ilha. O Ginásio Catarinense tinha fama fora do Estado, sobretudo no Rio Grande do Sul.

Florianópolis era realmente uma cidade alegre, cujo espírito crítico de seus habitantes realçava sobremaneira. Debaixo da Figueira os aposentados “mastigavam a dentadura”, segundo expressão da época, fofocando e botando apelido em todo o mundo. O Professor Brügman, do Instituto Politécnico, que tinha uma perna mais curta, era o “Carimbo”, pois carimbava o chão com caminhar desequilibrado. Werner Eberarth, meu companheiro de conspiração em favor da Revolução de São Paulo, era o “Minuto”, porque a sua altura excepcional, exigia um minuto para vê-lo até em cima. Um cidadão que andava sempre muito abrigado, com luvas e cachecol, o apelido de “Urubu Molhado”. Um outro mais velho e muito encarquilhado: “Maracujá de Gaveta”. Um mendigo, já apelidado de “Pesado”, respondia “tua mãe é mesmo indiscreta, vivi falando de meu peso”. Aderbal Ramos, o Deba, depois de casar com Ruth Hoepcke, herdeira da Casa Hoepcke, um dos grandes empreendimentos econômicos da época, o chamavam de “Conde de Monte Cristo”: o que achou um tesouro na ilha. Injustiça. Meu tio Branco tinha o apelido de “Tubiano”, não sei porque. Nereu Ramos era o “Amarelo”, em Florianópolis e no Rio.

Lembro-me do carnaval animado de Florianópolis. Do curso em torno da Praça. Participei do curso no automóvel de meu tio Branco, capitaneado por sua filha e minha prima Lelete. Num carro próximo ao nosso estava o bloco da Marquesa (Marquesa mesmo), linda e

jovem senhora que diziam muito namoradeira. Distribuía olhares para todos, esmolinhas, pequenas moedas, “mas nunca uma nota de mil réis”, como, num de seus contos, fixou Machado de Assis, a jovialidade e o caráter de uma também linda mulher de sua época, a prima Lelete entretanto soltava farpas carnavalescas, cantando uma marchinha carioca do ano anterior, insinuando que a Marquesa estava querendo namorar seu marido, o Capitão Gentil Barbato, garboso oficial do 14º BC. Nosso bloco cantava: “Essa mulher há muito tempo me provoca, dá nela, dá nela”. Mas a Marquesa não se perturbava e seu bloco respondia, com a última parte da mesma marchinha: É intrigante fala mais que pata choca, dá nela, dá nela”.

Divertidíssimos os domingos de Florianópolis. De manhã o desfilas das garotas, as filhas da classe média mais alta, nas calçadas da rua Felipe Schmidt e Palácio do Governo, até próximo à Catedral, e as filhas do povo menos médio, na parte de dentro da Praça. Discriminação espontânea. As regatas se realizavam em frente à Praça, um lugar ideal, atraindo um bom público. Cheguei a correr estrepante pelo Martinelli e perdi. De manhã, saía o jornal crítico “Só... Rindo”, dirigido por Hernani Porto, sempre muito elegante. Meu amigo e companheiro de muitas aventuras. Usava polainas. O jornal mexia com todo o mundo, absolutamente irreverente, sobretudo com os namorados. Por isso, com frequência, tínhamos de tirar Hernani de confusões com pai ou irmão de alguma namorada mencionada no jornalzinho felino. Leoberto Leal, de quem depois me fiz amigo no Rio, mandava brasa no “Só... Rindo”, com suas paródias e versos satíricos. Pela noite, nos domingos, algum namoro lá pela rua Esteves Júnior e o papo, mais tarde, nos cafés da Praça e no Café da Ilha, teatro de algumas brigas, ainda por causa das garotas e do “Só... Rindo”.

O acesso às praias não era fácil. Só muito depois tomaram-se famosas. As garotas freqüentavam habitualmente as praias que ficavam nos fundos de suas próprias casas, como minhas primas Bebê, Ninete, Ivone, falhas de minha prima Monca, mulher de Álvaro Ramos, dentista, musicólogo, e também grande boêmio. Nas praias, as moças não tinham a liberdade que desfrutavam atualmente.

Libertavam-se nos bailes do 12 e do Lyra, ocasião em que as demonstrações amorosas não eram muito diferentes das de hoje, porém discretas, menos ostensivas. Na verdade a hipocrisia foi sempre a mesma. Naquela época um pouco mais: a virgindade era preservada

a qualquer preço. O namoro mais comum era o do “gargarejo”, com o rapaz na calçada e a moça na janela. Não dava nem para segurar na mão. Mas com tudo isso Florianópolis não tinha jeito de sociedade provinciana: destacavam-se sua alegria crítica e autocrítica.

Uma lembrança que sempre me intrigou foi a do bloqueio naval da ilha no final da revolução de 30, no mês de outubro. Intrigou-me porque nunca ouvi falar de outro bloqueio naval ocorrido no Brasil. Se nunca houve outro, como explicar o silêncio do bloqueio de Florianópolis. Será um dos exemplos da indiferença com a nossa memória? E foi um bloqueio naval bastante característico, com bombardeios, escassez de alimentos e tudo o mais. Os destróieres da Marinha de Guerra bombardeavam com canhões os revolucionários acampados no continente, já praticamente vitoriosos, esperando apenas, estrategicamente, a queda do Governo Federal de Washington Luiz, no Rio, o que aconteceu pouco depois. Os gaúchos respondiam com metralhadoras porque não tinham artilharia. Uma diversão para a juventude menos responsável, toda ela evidentemente favorável à revolução, como é normal nos jovens. Tivemos dificuldades com alimentação. Escasseavam leite, arroz, feijão e ovos. Em minha casa passamos alguns dias comendo tainha salgada, o único alimento abundante na ilha. À noite, os marinheiros da nossa gloriosa marinha se misturavam no “footing”, mas não contavam com a simpatia popular. Quando caiu o Governo Federal, o Estadual fugiu nos destróieres. Meu tio Branco, colaboracionista derrotado, passou grandes sustos, mas não saiu da ilha. Meu pai guardou 400 contos dele no piano de nossa casa, ali quase em frente ao Instituto Politécnico. Com a revolução vitoriosa, a autoridade escolhida para mandar botar as tábuas na ponte Hercílio Luz e receber os gaúchos, foi o meu tio Ninho, porque além de ser General, embora reformado, tinha ainda a sua farda. Havia outro, o general Rosinha, também reformado, parece que mais importante e mais moço, mas não tinha mais a farda. Coisas da hierarquia e do formalismo, em última análise. Pouco depois começaram a surgir os problemas. Os heróis gaúchos, irresistíveis, atraíam as garotas da ilha, deixando os rapazes locais “a ver navios”.

Em 1932, vivi uma aventura interessante em Florianópolis, além dos bailes do 12 de Agosto e Lyra Tênis, que para mim eram sempre aventuras pois nunca venci a inibição de dançar, o que me traumatizava. A aventura foi política, a primeira de uma série. A maioria da juventude apoiava outra revolução, a de São Paulo, a

Constitucionalista, em oposição portanto à de Getúlio Vargas, que nada queria com constituições. Aliás, Nereu Ramos, já grande líder catarinense, também simpatizava com os paulistas. Colocava na janela o rádio dele (que não eram muitos na ocasião) com notícias diretas de São Paulo, de Cezar Ladeira, na Rádio Record. Em Florianópolis, naquela época, escutava-se melhor as rádios de São Paulo e de Buenos Aires que as do Rio.

Eu e mais cinco amigos - Diniz, Werner, Eberarth, Malburg, Cunha e Ernani - organizamos uma sociedade secreta de apoio à revolução de São Paulo. Redigíamos manifestos e reproduzíamos as notícias de Cezar Ladeira e, de noite, altas horas, colávamos os panfletos nas paredes da Praça e de algumas ruas mais afastadas. A sociedade secreta chamava-se PUHL sigla que não queria dizer nada, mas a sua sonoridade ajudou a nos dar popularidade. De manhã, todos se perguntavam: que será PUHL? Deve ser o Nereu, diziam. Nos dividíamos em grupos de três. Uma noite eu, Diniz e Werner fomos surpreendidos pela polícia na rua Esteves Júnior), mas fugimos e chegamos a salvo em nossas casas.

Claro que, de manhã, estávamos firmes na Praça para gozar os comentários, quando notamos uma aglomeração em frente à Chefatura de Polícia, do outro lado da Praça, em frente ao Palácio do Governo, hoje museu. Lá estavam Nereu Ramos, Aderbal Ramos e Osvaldo Bulcão Viana, depondo como suspeitos de pregar panfletos nas paredes, confundidos com o nosso grupo.

Era a glória. Não ouvimos o depoimento, mas soubemos depois que Nereu interrogava ao delegado: “olha aqui João Cancio (Parece que o delegado se chamava assim) você acha que eu tenho cara de garoto e andar com lata de grude pregando papéis nas paredes?” Mas ninguém duvidava que Nereu era leitor assíduo dos panfletos !

Muitos anos depois, eu e Leoberto Leal, no Rio, encontramos com a Aderbal Ramos, o Deba. Fomos a um bar onde, entre umas e outras, conversamos e recordamos muitas coisas. contei a Deba que eu era um dos componentes da PUHL. Lembrou na hora: “então foi você?” E lembrou também da reação de Nereu com o delegado.

Excelente pessoa o Deba. O chamavam de Conde de Monte Cristo, porque ao casar com Ruth Hoepcke, grande herdeira da Casa Hoepcke, achou um tesouro na ilha. O apelido era gozado, mas injusto. Puro despeito. Ruth era um dos sonhos da garotada da época e ninguém pensava em tesouro. A moçada era atraída por sua figura

graciosa, gentil, muito simples. Um pouco tímida. Passava parte da sua vida na Europa. Quando vinha a Florianópolis estreava sempre uma “baratinha” de último tipo. Charme e romantismo irresistíveis. Mas quem ficou com ela foi mesmo Aderbal Ramos.

Inesquecível foi minha iniciação política em Florianópolis. No início dos anos 30 começava um período de agitação política fora dos cânones tradicionais: a esquerda, liderada pela Aliança Nacional Libertadora e a direita, pelo Integralismo. Minha simpatia intuitiva já se manifestava pela esquerda. Mas assisti em Florianópolis, antes da ANL, uma reunião integralista, quando discursou Plínio Salgado. Fui levado por um adepto do integralismo e meu amigo, Danilo Carneiro Ribeiro, neto do grande filólogo Ernerto Carneiro Ribeiro, que polemizou com Rui Barbosa. Aquela história da réplica e tréplica. Não gostei do Plínio Salgado, sobretudo dos seus cacoetes. Continuei mais atraído pela ANL, que era dirigida pelo Capitão Renato Tavares, de grande família de Florianópolis, comandante da Força Pública do Estado e simpatizante do socialismo. Acabei aderindo, com armas e bagagem, à ANL. Naquela ocasião, Renato começou a aparecer na Praça, nos domingos de manhã montado em belo cavalo. Em frente ao Palácio do Governo, o cavalo levantava uma pata, o que o povo interpretava como saudação integralista, o anauê. No final do seu “show”, Renato desembulhava um pacote que trazia debaixo do braço e soltava uma galinha pintada de verde, alusiva ao apelido que a esquerda dava aos integralistas: galinhas verdes. Aí o povo delirava. Esse episódio alegre deve ter contribuído na minha iniciação política. Era tudo muito simpático e popular. [Passei a freqüentar a sede da ANL, onde via os cartazes das nossas revoluções, da inquietação dos brasileiros pela solução mais rápida dos problemas do Brasil.] Era uma documentação variada, dos episódios dos 18 do Forte, das rebeliões dos generais Miguel Costa e Isidoro Dias Lopes, da Coluna Luiz Carlos Prestes, dos tenentes da revolução de 30, que havia eu presenciado um pouco em Florianópolis. Enfim, a história do inconformismo brasileiro. Só uma vez voltei a ver Renato Tavares. Foi no famoso comício da Central do Brasil, no Rio, em 13 de março de 1964, 18 dias antes do golpe militar de 1º de abril. Trocamos algumas palavras. Era o mesmo, jovial e fiel às suas idéias. Disse-me que deviam trocar o nome de Mao Tse Tung para Bom Tse Tung. Grande Renato.] Recordo daqueles tempos em Florianópolis, a figura simpática e inteligente de Álvaro Ramos, casado com minha prima Monca, filha do velho Branco. Era professor de História Natural,

dentista e maestro, mas também um grande boêmio, amante dos cavalos de corrida e “carteados”. Usava gravatas de grandes laços e polainas. Certa vez promoveu uma corrida de cavalos, que realizou-se no Estreito. Talvez a única que Florianópolis tenha visto. Fez grande promoção e trouxe do Rio, da Gávea, o grande jóquei seu amigo, Armando Rosa, ganhador do Grande Prêmio Brasil, e uma égua puro sangue, a Tacada. Convenceu um proprietário de cavalos de Florianópolis, o Senhor Leal, homem de fortuna, a um confronto do seu cavalo Vampiro com Tacada, desconhecida, mas puro sangue e da Gávea, montada pelo vencedor do Grande Prêmio Brasil.

Álvaro fez aposta especial com Leal: Até os 800 metros apostava na sua égua Tacada, mas nos 1000 ele admitia que o Vampiro poderia ganhar. Aposta grande até os 800 metros. Armando Rosa não teve dificuldade em chegar na frente nos 800 e perder nos 1000. Ele e Álvaro ganharam duplamente, pois jogaram por fora no Vampiro nos 1000 metros nas apostas de “poules”. Era o que diziam, no dia seguinte à corrida, entre incrédulos e irritados, os florianopolitanos, já que todos nós, nos 1000 metros, apostamos na égua da Gávea, montada pelo vencedor de Grande Prêmio Brasil.

Um episódio curioso e uma frustração foi quando os estudantes do Ginásio e do Instituto Politécnico decidiram acabar com a “vergonha dos bondes de burro”. Foi uma decisão “heróica”. Saímos à noite, em direção à Agrônômica (creio), ao barracão dos bondes. Retiramos os burrinhos e tocamos fogo no barracão. Saímos “gloriosos” cantando o hino da liberdade. Que coisa! De manhã, fomos cedo ouvir os comentários do grande incêndio. Eis que ouvimos um apito, ali do lado da catedral. Era o bondinho, no horário, apenas com as cortinas queimadas. Frustração. Muito embora fôssemos incendiários, não aconteceu nada aos intocáveis filhos da classe dominante da ilha. A justiça não era diferente. Hoje, nos queixamos que a juventude não tenha atuação política mais direta e dinâmica. Só esporadicamente isso acontece. Mas que dizer do incêndio dos bondinhos com hino da liberdade e tudo!

E as moças de Florianópolis, as “galeguinhas”, as menores que ainda davam um pouco de atenção a faixa etária e as outras, que já não eram para o nosso bico. Lindas e alegres todas. Lembro das irmãs Segui, Hemengarda e Lurdinha, de minhas primas Bebê, Ninete e as outras primas maiores e menores. Ruth Hoepcke era uma atração permanente, com suas idas e vindas para e da Europa. Outra atração

constante, de velhos e jovens era a balzaquiana Carmem Luz, filha de Hercílio Luz. Lindíssima Carmem.

Minha convivência com catarinenses continuou por muito tempo fora de Santa Catarina, em São Paulo e no Rio, principalmente. Em São Paulo, fiz amizade com Hubert Beck que até pouco tempo ainda andava por aí em Florianópolis, e com Henrique Stodieck.

Stodieck tornou-se conhecido pela intelectualidade jovem de São Paulo quando fez exame, muito comentado, para a Faculdade de Direito. Havia quem dissesse que era uma nova presença especial nas Arcadas, como as de Castro Alves e Ruy Barbosa. Eu sentia orgulho de fazer parte do grupo de Stodieck, que “pintava” mesmo como algo excepcional naquele longínquo 1933. Pude testemunhar de como Stodieck era procurado por estudantes pertencentes à facções políticas muito atuantes na ocasião, como os integralistas, os comunistas e o grupo do MMDC, sigla essa em homenagem aos estudantes mortos em luta com a polícia política da ditadura, acontecimento que se tornou um dos motivos da Revolução de São Paulo, de 1932. Mas Stodieck nunca se definiu por nenhuma tendência ideológica. Apesar da sua pouca idade dominava a filosofia alemã, analisava as tendências políticas, mas à distância. Mais tarde, depois de exame brilhante para as Arcadas, não quis ficar em São Paulo. Dizia sentir saudade da praia. Mas não voltou logo para Florianópolis, transferiu-se para as praias e para a Faculdade de Direito de Niterói, que na época não tinha boa fama. Os orgulhosos paulistanos das Arcadas não o perdoaram. Depois, fez concurso para professor de Direito Trabalhista da recém criada Faculdade de Direito de Florianópolis. [Convivi com ele também no Rio, onde manteve contatos com jovens intelectuais que vieram a marcar presença na cultura do Brasil como Vinícius de Moraes, Otávio de Faria, Alberto Cardoso, Geraldo Fonseca e outros. Stodieck não procurou o sucesso, apesar dessas oportunidades, em São Paulo e no Rio. Cedeu a seu caráter boêmio, libertário, anárquico. Era céptico, algo introvertido, indiferente à fama, glória e coisas assim. Influiu, e muito, na minha formação intelectual daquela fase. Fase difícil, de definição, de transposição da adolescência. Quando em São Paulo ele liderou um grupo heterogêneo, eu nos meus dezessete anos, comparava esse grupo ao de Júlio Jurenito e Seus Discípulos”, do livro de Elia Eremburg na sua fase anarquista. Jurenito era o líder de um grupo anárquico. Stodieck, é claro, na minha imaginação era Júlio Jurenito. Creio mesmo que

esse personagem de Elia Eremburg se ajustava ao caráter, ao pensamento e às suas inquietações. Grande Stodieck.

No Rio os catarinenses desfrutaram durante algum tempo de grande prestígio. Certamente a “colônia” estadual mais conhecida na Capital Federal. Tinha dois locais de encontro, ambos na rua São José, quase esquina da avenida Rio Branco, um em frente ao outro. Dividia-se em dois grupos bem diferentes, em termos de idade e força financeira. No café Chave de Ouro reunia-se diariamente a turma mais popular, estudantes, alguns desempregados, todos catarinenses. A época era de economia em depressão. O líder natural do grupo jovem era Nilo Ramos, irmão mais moço de Nereu Ramos, já um dos grandes líderes brasileiros. Uma grande figura humana, o Nilo. Conhecia gente de todos os níveis sociais. Às vezes Nereu, passando distraidamente, parava para tomar um cafezinho com seu irmão mais moço. Mas não demorava muito, via-se no meio de estudantes, músicos, jogadores de futebol e até de “book-makers”, os amigos prediletos de Nilo. Independente financeiramente, irmão do Vice-Presidente da República e Presidente do Congresso Nacional além de intimamente relacionado com outros líderes políticos, Nilo tinha uma boa situação e não deixava ninguém passar necessidade no Chave de Ouro, sobretudo os catarinenses mais dependentes. Sempre havia uma média com pão e manteiga, um bife e dinheiro para o cinema das duas horas na Cinelândia. Todos os estudantes catarinenses da época passaram no Chave de Ouro e intelectuais já consagrados também. Os Bulcão Viana, Sizenando Teixeira, os Ramagem, os Rupp Maura da Sena Pereira, Eno Stein Ferreira. Havia um catarinense muito querido e popular, o Chundica. Era um desempregado. Quando chegávamos ao Chave de Ouro logo procurávamos saber se já tinha assegurado a sua média com pão e manteiga e o dinheiro para o cinema das duas. Mas o jantar era Nilo que proporcionava. Chundica, que não tinha profissão definida, vivia de expediente, como se dizia, mas não pedia nada. Vestia-se no melhor alfaiate do Rio: Chamovitz, o alfaiate do Nilo, que tinha a mesma altura do Chundica. Sorte do Chundica. Grande Nilo.

Em frente ao Chave de Ouro havia um bar excelente, o Bar da Brahma, ponto dos catarinenses mais “abonados” e importantes. E também mais velhos. Lá se reuniam os Galloti, Luz Pinto, entre outros, e mais parlamentares catarinenses de frequência esporádica e ainda nomes conhecidos de políticos de outros estados que por lá

passavam e tomavam um chope com os catarinenses. Um dia foram dizer ao Nilo que os maiores catarinenses da Brahma tinham chamado o nosso grupo do Chave de Ouro de Casa do Camundongo Mickey, com isso querendo dizer que éramos um aglomerado absurdo, de onde não podia sair nada de sério. Nilo respondeu: “Vai lá e diz para eles, que eu mandei dizer que o grupo deles, na Brahma, não passa de um pomar. Se perguntarem porque, diz que é porque lá só dá fruta”. Da muito íntima amizade de dois dos maiores catarinenses da Brahma, uns catarinenses fofoqueiros recém chegados e menos informados disseram, a propósito da viagem que os dois iam fazer à Europa: “Vão em viagem de lua de mel”. Ao que contestaram outros catarinenses, esses veteranos no Rio e mais bem informados: “que lua de mel, vão em viagem de comemoração de bodas de prata”.

Quero registrar ainda nessas recordações, outras amizades que marcaram minha vida em Florianópolis nos primeiros anos da década de 30, além de recordações de outras pessoas populares na época. Recordo Nazareno Simas, boa conversa, bom amigo, e bom também nas rodas de samba e no remo, no Martinelli. Paulo Dutra, bom camarada, amável, o que se pode chamar de “o boa praça”. De noite, depois de conversar com os amigos, ia namorar com Osvaldina. Deve ter casado com ela. Zuri Cunha, sei que saiu de Florianópolis, depois de mim, espirituoso, sensível poderia ter seguido uma carreira artística. Hélio Wendhausen, meu colega, irmão de uma das graças de Florianópolis, Nair Wendhausen. Encontramo-nos mais tarde, em Montevideu, era gerente da Warner Brothers na capital uruguaia. Em nossos encontros recordávamos Florianópolis e aproveitávamos para exercitar o português. Domingos Emerich Bezerra da Trindade, o conheci em Florianópolis e no Rio. No Rio foi meu professor de matemática quando me preparava para um concurso público. Leleco (não lembro o nome) meu primo e companheiro de quarto quando morei na casa do meu tio Branco, seu avô. Era bom de bola e foi mais tarde, técnico de futebol em Blumenau. Laércio, irmão de Leoberto, meu colega no Instituto Politécnico e companheiro de algumas aventuras. Lembro ainda de Lúcio Livramento, excelente músico, Flautista, chegou a tocar na Orquestra Sinfônica Brasileira, no Teatro Municipal do Rio. Uma figura muito popular de meu tempo era Clóvis Viegas. Não posso evitar de tê-lo na minha memória sentado num bar tendo na frente uma “branquinha”. Outra figura popular da época era o velho Boiteux, de grande família franco-catarinense. Já bastante idoso continuava ativo colocando placas na trajetória histórica de

catarinenses ilustres: aqui nasceu, aqui viveu e aqui morreu. Contavam na época, um acontecimento engraçado, que bem pode ter sido inventado pela irreverência dos fofoqueiros da Figueira. Dizia-se que Boiteux foi à Laguna colocar uma placa na casa onde havia vivido a grande catarinense, Anita Garibaldi. Um gaiato, de maldade, indicou uma casa dessas ditas de tolerância. Boiteux acertou-se e perguntou, solenemente, a uma mulher que estava na janela: “Foi aqui que viveu a heroína de dois mundos, Anita Garibaldi?”; a mulher respondeu com a maior seriedade “Não, a última que morou aqui foi Joaquina Cavalão de Pau”.

Mais tarde, no período da segunda guerra mundial, meus contatos com catarinenses foram apenas esporádicos. É que estive fora do Brasil alguns anos, no Rio da Prata, em Montevidéu e Buenos Aires. Na década de 50, já aqui no Rio, reatei a camaradagem com o pessoal de Santa Catarina. Com Virgílio Gualberto, que havia sido meu colega em Florianópolis e, naquele momento era o Presidente do Instituto Nacional do Pinho. Antes, me contratara para fazer trabalhos sobre os mercados madeireiros do Uruguai e Argentina. Fiz os trabalhos e, quando nos encontramos no Rio, Virgílio conseguiu para mim um lugar de redator na revista “Conjuntura Econômica”, da Fundação Getúlio Vargas. Essas duas oportunidades de trabalho me ajudaram sobremaneira nas minhas carreiras de economista e jornalista. Virgílio mais tarde viria a ser Secretário Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Foram também meus amigos nessa fase carioca, Jorge Lacerda, antes de ser Governador de Santa Catarina. Destacou-se como jornalista no Rio. Inteligente e excelente “papo”. Eno Stein Ferreira, médico, mas principalmente voltado para as coisas das artes plásticas e musicais, nos iniciava nesse campo de cultura. Joaquim Ramos, irmão de Nilo, Deputado Federal o mesmo caráter afável e desprezioso de Nilo. Vilmar Dias, boa cultura, bom “papo” e amigo de Leoberto.

Leoberto Leal, eu já conhecia do tempo do “Só... rindo”, seu espírito aberto e inteligente, simples e generoso. No Rio, reatei a amizade com ele e sua esposa Ivone. Tinha com Leoberto muitas afinidades. Lembro sua preocupação em conciliar táticas de política partidária com princípios ideológicos e de moral. Concordávamos que não é fácil e às vezes não é mesmo possível. Foi uma amizade que cultivei infelizmente interrompida pelo desastre aéreo que o vitimou, a

ele, Nereu Ramos e Jorge Lacerda. Comentário de Virgílio Gualberto na ocasião: “Morreu Santa Catarina toda”. Vilmar Dias me contou que Leoberto morreu porque trocou de lugar no momento em que o avião descia no aeroporto de Curitiba. Leoberto estava sentado na parte de trás do avião, ao lado de uma senhora que não sofreu absolutamente nada. Mas, pouco antes do desastre, quando o avião aterrissava, Leoberto ocupou um lugar que vagara ao lado de Nereu Ramos, no meio do avião, setor onde não escapou ninguém. Leoberto iria aproveitar a ocasião para conversar com o líder máximo dos catarinenses. Estavam um pouco separados politicamente, porque Leoberto havia votado em Juscelino Kubitschek, quando disputava com Nereu, na convenção do PSD, a candidatura para a Presidência da República. Morreram todos juntos - o grande líder, o Governador e Leoberto, talvez o futuro governador de Santa Catarina. Coisas de táticas e princípios, com o destino pelo meio.

Certamente esqueci de algum acontecimento interessante e alguns nomes nessas lembranças de catarinenses. Passaram-se 60 anos! É muito tempo! A saudade que senti, entretanto, enquanto redigia essas notas, é de todos com quem convivi e de todos os bons momentos que por aí vivi.